





O BOM SELVAGEM

A pintura enquanto ensaio de uma relação ancestral do homem com a natureza. Pedro Vaz propõe-nos um trabalho sobre as formas de ver e de sentir algumas das questões inerentes aos conceitos de paisagem, ampliando o universo pictórico a diferentes suportes e expressões visuais



PEDRO VAZ (1977) É PINTOR, pensa enquanto pintor, cria momentos pictóricos, percorrendo e construindo mundos de cor, mancha, sem horizontes definidos, paisagens observadas e desejadas, lugares que participam do domínio do encantamento, entre a realidade e o sonho. Lugares enigmáticos. As obras de Pedro Vaz – pintura sobre madeira, aguarelas, vídeo e instalações – combinam diferentes elementos da natureza segmentados, percursos, caminhos, que dividem campos cromáticos mais e menos intensos, quase sempre verdes, envolvidos e diluídos pela constante bruma da imaginação. Somos atraídos para uma natureza vegetal, aparentemente artificial e construída, na maioria dos casos deformada nas suas proporções. Pequenos elementos são ampliados. Uma realidade construída e desbravada pelo artista. Assim, confrontamo-nos com um mundo imaginado a partir da recolha e selecção de particulares reais, obtidos através de caminhos percorridos, fotografados, recortados, montados, recriados, projectados ou repensados em função das relações de perspectiva, profundidade, plasticidade e, sobretudo, pictorialidade. É à cor e à mancha que devemos a elaboração de uma paisagem ou natureza que, embora reconhecível enquanto tal, tende para uma abstracção quase onírica, do domínio de uma interioridade encerrada que explode no choque das manchas, da tinta, na mistura das cores, dos salpicos contornados...

No espaço Voyeur Project View, o jovem artista apresentou em Junho algumas das suas obras mais recentes onde a pintura afirma outros contornos. Recorta-se, encaixa-se e reflecte-se em nós e na arquitectura onde é colocada. Ao mesmo tempo, na Galeria Módulo, com quem trabalha, mostrou algumas das aguarelas que ensaiam e estruturam as suas composições e instalações.

Natureza Expandida,
2008, acrílico sobre
madeira,
220 x 300 x 250cm

Panóptico, 2007, vidro
acrílico, contraplacado,
espelhos, musgo, cola,
galhos, tinta acrílica,
120 x 80 x 80cm

Interior da obra
Panóptico

Página anterior
Caixa de Paisagem
em Vidro Acrílico,
2007, vidro acrílico,
contraplacado, espelhos,
musgo, cola, galhos,
tinta acrílica,
60 x 60 x 60 cm

PROFUNDIDADE TELÚRICA | No trabalho de Pedro Vaz interessa a procura insistente de uma profundidade, de um fim sem fim, de uma via densamente preenchida por obstáculos que permitem a performatividade de um olhar que espreita, quase sempre sem entrar, num mundo que poderia ser povoado por gnomos e por outros agentes do imaginário telúrico. Num texto/manifesto sobre a sua obra, *Forma e Lugar*, Pedro Vaz explica-nos que “a Paisagem funciona para mim como uma ferramenta, como um *medium* para o meu próprio exercício ou prática da pintura. Mas o tema Paisagem, a paisagem natural, é bem mais do que isso, é fonte de inspiração. Comporta toda a magia que existe por detrás de algo que não conhecemos, integra a necessidade de procurar e explorar um caminho sem saber onde ele vai acabar, estando sempre à espera de encontrar um lugar intacto, onde o homem ainda não tenha chegado, um lugar primordial onde tudo começa”. Nas suas obras não há uma linha de horizonte, vocábulo essencial para a determinação daquilo que se entende por uma paisagem. Nem tão pouco estamos perante a janela renascentista, que recorta idealmente um fragmento para observação e contemplação. Nesse sentido, Carlos Vidal, acerca do trabalho do artista refere que “a supressão de elementos gestuais (explicitamente construtivos) ou formais/figurativos (como a alusão ao horizonte) coloca-nos sem orientação ‘dentro’ destes labirintos matéricos, cromáticos e informes como se estivéssemos numa floresta, bosque, clareira ou caminho natural. Imersos numa floresta cuja densidade não nos permite divisarmos ou identificar os detalhes daquilo que nos rodeia, toca ou ‘agride’, por tudo estar demasiadamente junto ao olhar. Sem linha de horizonte e outras indicações figurativas do mesmo tipo passamos a estar no



‘interior’ destas paisagens, mesmo sem as identificarmos como tal’. Mas mais do que imersos, as experiências propostas colocam-nos em confronto com a matéria criada: há uma separação entre o nós e o que se vê. Espreitamos, deambulamos mas não nos deslocamos, mantemos uma posição perante algo que, estando ali, não nos deixa entrar, percorrer e caminhar. É o olhar que é desafiado, perante a possibilidade de, a partir dali, imaginar. “Procuo qualquer coisa mais misteriosa ainda. É a passagem de que falam os livros, o velho caminho obstruído, aquele cuja entrada o príncipe, exausto de fadiga, não conseguiu encontrar. Descobre-se na hora mais vaga da manhã, quando há muito nos esquecemos de que já vais nas onze, no meio-dia. . .

S/título, 2007,
acrílico sobre madeira,
125 x 170 cm



E de súbito, ao afastar os ramos na folhagem profunda com esse gesto hesitante das mãos desigualmente afastadas da cara, aparece-nos como que uma longa avenida sombria cuja saída é um círculo de luz muito pequeno” (Alain-Fournier, *O Grande Meaulnes*). Pedro Vaz, tal como Augustin Meaulnes, personagem icónica da literatura simbolista do início do século XX, perde-se encontrando-se na procura de um qualquer paraíso experimentado, insiste no trabalho que levará à sua visualização, insuflando as suas obras com momentos alternados de inquietação, catarse e contenção, perante os mistérios sensíveis proporcionados pela vivência da natureza.

ENTRE MUNDOS | Entre a figuração e a abstracção, o artista questiona a representação ou, como o próprio refere, “simulando e figurando a Natureza, mas existindo uma forte tendência para o abstraccionismo, não querendo tornar irreconhecível a paisagem. A cor é usada por vezes, num sentido antinaturalista, intuitiva de forma a auxiliar a abstracção e de forma a regularizar ou não as intensidades cromáticas. A desconstrução da imagem não só pretende questionar a representação, mas também e com o sentido de criar formas que não nos sejam familiares, mas também que não nos agridadam ou imobilizem. O lado abstracto apenas varre partes da figura, mas

também mantém alguns aspectos importantes da mesma” (*Forma e Lugar*). Quase simbolistas, quase naturalistas, pouco realistas, por vezes impressionistas e surrealistas, bastante abstractas, as obras de Pedro Vaz carregam consigo um património pictórico e de formação que lhe permite uma investigação a dois níveis. Por um lado, há uma concentração sobre os fenómenos da visão e da percepção, sobre a prática da pintura enquanto reveladora de novas imagens, de novas possibilidades, de novos mundos, das possibilidades da cor, das cores, do regime pictórico enquanto modelador de um universo particular. Por outro, há uma intencionalidade subtilmente crítica em relação ao nosso afastamento do mundo natural e às nossas desconfianças e defesas face ao desconhecido, àquilo que a razão não domina. Há uma necessidade de diálogo com a natureza que permite ao artista a elaboração de um discurso que se vai formando em várias frentes, que contribuem todas para o mesmo: a pintura. É nesse sentido que realiza as *Caixas de Paisagem* – cubos que recriam ambientes naturais, vegetalista – que expandem, tal como as pinturas recortadas ou os vídeos, o conceito pictórico para outros suportes que rompem e ampliam a tradicional moldura disciplinar. Funcionam como dispositivos técnicos que permitem ao artista direccionar “este trabalho para temáticas como as da percepção, da interpretação especulativa ou conceptual do tema paisagem” (Carlos Vidal, *O Peso do Olhar*).

À L+arte, Pedro Vaz confirma que “Há uma motivação interior que, por vezes, não quero apresentar como proposta mas que é a energia que me faz produzir, que me leva a criar... Houve uma altura em que fazia para mostrar às pessoas e agora acho que faço isso para mim, acho que isso é mesmo um confronto comigo, com aquilo que faço; foco-me cada vez mais nesta ideia de lugar, na ideia de procurar um sítio, qualquer coisa... Mas isso também pode ser uma justificação ou uma ferramenta para me levar a construir uma obra visual que, ao fim ao cabo, é o que ela acaba por ser. Para mim interessa-me bastante esta noção de perspectiva apesar de ela ser por vezes muito distorcida. Vejo isto com outros olhos porque estou muito dentro dela e sei o que está por detrás”. Que lugar é este? “Mas como poderá um homem que um dia anteviu o Paraíso resignar-se com uma vida como a de toda a gente? O que para os outros constitui a felicidade pareceu-me risível. E, quando, sinceramente, deliberadamente, decidi um dia agir como eles, esse foi o dia em que semeiei remorsos, que vou colher muito tempo...” (Alain-Fournier *O Grande Meaulnes*) +

Pedro Vaz

Nasceu em Moçambique em 1977. Depois de dois anos no curso de Arquitectura, decide fazer o curso de Pintura, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa que conclui em 2006. Neste momento, frequenta o mestrado de Pintura, na mesma instituição. Tem realizado várias exposições individuais, na Galeria Módulo, desde 2005, e tem sido convidado a participar em diversos projectos colectivos

Informações:

Módulo - Centro Difusor de Arte
www.pedrovaz.com